

Claudiana Nogueira de Alencar  

claudiana.alencar@uece.br

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Nukácia Meyre Silva Araújo  

nukacia.araujo@uece.br

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Sandra Maria Gadelha de Carvalho  

sandra.gadelha@uece.br

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõe corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas.

Bell Hooks, Ensinando a Transgredir (2017, p. 79)

A Linguística Aplicada (LA) em sua perspectiva indisciplinar (Moita-Lopes, 2006) tem se preocupado em discutir e produzir análises sobre linguagem como prática social, considerando em seu escopo o entendimento da vida social na contemporaneidade. Nessa perspectiva, uma visão transdisciplinar é necessária a fim de fazer emergir saberes, práticas educativas e vivências sociais, que mostrem o papel da linguagem como resistência político-epistemológica às estruturas de opressão.

Como nos diz Pennycook, “as perspectivas críticas na LA estão emergindo no mundo todo com agendas múltiplas” (Pennycook, 2006, p.69). Nesse sentido, muitos arcahouços críticos têm sido operacionalizados na área, construindo abordagens transdisciplinares, dinâmicas e sempre moventes, para compreender a LA como “um modo de pensar e fazer sempre problematizador” (Pennycook, 2006, p.69). Por isso, é central a problematização da vida social pelo viés da linguagem e a consideração das posições dos/das sujeitos/as da pesquisa “como lugares de conflito e de poder” (Moita-Lopes,

2006, p. 102), a partir do diálogo profícuo com outras disciplinas das ciências humanas e sociais, assim como com disciplinas de outras áreas do conhecimento.

Desse modo, este dossiê se propôs a reunir trabalhos que estabelecessem conexões entre linguagens de resistência, práticas sociais e a educação, esta última em relação a processos educativos em diversos campos, para além da educação formal. Para esse propósito, questões de ética e poder foram articuladas em redescrições de sujeitos sociais sempre em construção e situados historicamente.

Com esta edição da *Linguagem em Foco*, esperamos contribuir para destacar a perspectiva crítica na Linguística Aplicada, lançando luzes também sobre a dimensão educativa das práticas linguísticas e sociais. Em todos os artigos, as linguagens de resistência são perceptíveis em estudos que se apresentam como uma contrapalavra diante do sistema-mundo capitalista colonial e patriarcal que produz injustiças e desigualdades, as quais repercutem também sobre nossas práticas de pesquisa, sobre as universidades e sobre os sistemas educacionais de um modo geral.

Os escritos também mostram os enfrentamentos aos discursos e aos modos explicativos de uma pedagogia do opressor. Destacam processos educativos que nos fazem vislumbrar a “educação para além do capital” (Mészáros, 2008) por meio de práticas mais justas e igualitárias nas concepções de linguagem e de pesquisa como acolhimento, solidariedade e compromisso político com os menos favorecidos os quais, como sujeitos histórica e socialmente inscritos “com suas dores e suas lutas” compartilham suas experiências, no dizer de beel hooks, e nos permitem com elas/eles “mapear novas jornadas teóricas”.

Sob o título *Linguagens de resistência, Práticas sociais e Educação*, o dossiê reúne dez artigos, um ensaio, uma entrevista e uma tradução. O artigo que abre a publicação intitulado *Movimento Negro Educador, saberes emancipatórios e a construção de um projeto democrático*, de autoria de Nilma Lino Gomes, discute os saberes emancipatórios construídos pela população negra, os quais são sistematizados e ressignificados pelo Movimento Negro Educador. Apresentando a dimensão política e pedagógica desse movimento social, a autora reflete sobre a força e a atuação contínua do Movimento Negro Educador na transformação das estruturas de poder e na ressignificação das relações étnico-raciais. Segundo a pesquisadora, os saberes emancipatórios construídos pelo Movimento Negro Educador nas lutas pela democracia propõem um “projeto de nação que reconheça e valorize a diversidade, um projeto que não se cale diante

do racismo, que lute por equidade, justiça e direitos humanos”. O Movimento Negro Educador, destacado por Nilma, apresenta-se como importante contraponto para a individualização, a exclusão e a exploração impostas pelo capitalismo.

No segundo artigo, Claudiana Nogueira Alencar reflete sobre a experiência de pesquisa inventiva e colaborativa inscrita no escopo da Pragmática Cultural, no texto *Práxis educativa e gramática de resistência no Programa Viva a Palavra*. A autora apresenta as resistências produzidas no contexto situado no Viva a Palavra, um programa de extensão, pesquisa e ensino transformador e ao mesmo tempo um coletivo político-cultural de resistência anticapitalista. Claudiana discorre sobre *gramática de resistência*, um conceito por ela forjado a partir das lutas e resistências enfrentadas pelos movimentos sociais na cidade de Fortaleza, onde o Viva a Palavra se concretiza no enfrentamento da violência contra as juventudes negra e indígena da periferia. As discussões sobre práxis e gramática de resistência tecidas por Claudiana não se restringem apenas ao contexto do Programa, mas trazem significações às lutas por libertação de todas as periferias das grandes cidades da chamada América Latina. Ao analisar a *práxis* política e educativa, a autora mostra como as palavras-sementes nos conduzem ao entendimento sobre gramáticas de resistência propositivas de formas de vida mais justas, igualitárias e fraternas.

Em *Agência crítica em Linguística Aplicada: negociações a partir de sobrevivências e reexistências no contexto brasileiro*, Junot de Oliveira Maia mostra a importância da etnografia como prática contextual indispensável para a construção de pesquisas que se pretendem críticas no campo da linguística aplicada. No artigo, o autor argumenta que investigações sobre sobrevivência e reexistência constroem, no contexto da LA brasileira, inspirações plausíveis relacionadas a um fazer acadêmico de fato crítico. Para fundamentar seu ponto de vista, Junot apresenta cenas de dois trabalhos de campo relevantes, nos quais os/as pesquisadores/as tentam construir relações horizontais e colaborativas com os participantes de suas pesquisas em contatos etnográficos longitudinais. O artigo mostra como os participantes de pesquisa co-constroem conhecimentos junto com os/as pesquisadores/as.

O artigo intitulado *Linguística Aplicada, epistemologias decoloniais e pedagogia freiriana: articulando linguagem, educação e resistência*, de Carlos Eduardo Ferreira da Cruz, articula Linguística Aplicada, estudos decoloniais e pedagogia freiriana, para estabelecer conexões entre linguagem, educação e resistência. O autor enfatiza as vozes do Sul e as epistemologias decoloniais que

fornece pressupostos para a desconstrução da visão eurocêntrica e o fortalecimento dos saberes locais e periféricos. Carlos Eduardo destaca na pedagogia freiriana possibilidades de práticas de ação educacional voltadas para a emancipação e resistência à opressão.

Partindo de uma abordagem histórico-cultural, as pesquisadoras Laurence Espinassy Rozania Moraes, no artigo *Vaincre ensemble les difficultés du métier enseignant: retour sur une expérience collective d'intervention-recherche au Brésil*, realizam uma análise ergonômica da atividade de professores de línguas, buscando identificar as estratégias e os recursos didáticos e organizacionais que estes docentes propõem para abordar situações novas ou recorrentes no seu trabalho. As análises feitas pelas autoras baseiam-se em diálogos realizados em duas reuniões que permitiram partilhar coletivamente situações reais de ensino. Ao lado das pesquisadoras, os participantes tornam-se analistas do seu próprio trabalho, adotando uma postura entre o distanciamento e o compromisso, no que pode ser descrito como um coletivo de formação.

Como fruto do acordo trilateral entre a Universidade Estadual do Ceará, a Kwame Nkrumah University Of Science And Technology (KNUST) de Gana e a University of East Anglia do Reino Unido, o artigo intitulado *Teacher Education in Ghana: the past, present and the future* tem a autoria conjunta de Patrick Swanzy, Sandra Maria Gadelha de Carvalho e José Ernandi Mendes. O artigo apresenta um panorama da atual conjuntura educacional sobre a formação de professores de Gana. A autora e os autores analisam criticamente textos políticos, documentos de trabalho, documentos governamentais e dados estatísticos de organismos governamentais sobre os avanços mais significativos na formação docente em Gana, traçando uma linha histórica das políticas voltadas para a formação de professores, desde o passado até os dias atuais. No artigo, apontam-se também proposições acerca da formação docente desejada para o futuro no contexto educacional de Gana.

O artigo *Educação intercultural: o ensino do PLAc (Português como língua de acolhimento) para imigrantes como forma de resistência*, do autor Gibson Zucca da Silva e das autoras Inny Accioly e Josefina Lopes Simões, é resultado também do acordo interinstitucional envolvendo a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a University of East Anglia – UEA, instituição à qual o primeiro autor está vinculado. O artigo mostra a relevância da educação intercultural na prática pedagógica com imigrantes em situação de vulnerabilidade no Brasil. Como aparato teórico-metodológico, as autoras e o autor assumem a concepção do Pós-método de Kumaravadivelu, que se apresenta como alternativa crítica

aos métodos tradicionais de ensino de línguas, para analisar relatos de experiência de uma educadora no contexto de ensino de PLAc (Português como língua de acolhimento). A educação intercultural é apresentada no escrito como uma *práxis* de resistência dos sujeitos imigrantes voltada para a pluralidade cultural, vista como forma de justiça social.

No texto *Práticas de escrita acadêmica e letramentos de resistência*, Djane Antonucci Correa estabelece conexões entre letramentos acadêmicos e letramentos de resistência em práticas de escrita e abordagens sobre formação inicial de professores pesquisadores extensionistas de um Curso de Licenciatura em Letras. A partir da perspectiva pragmática que considera a linguagem como ação e prática social, a autora apresenta um conjunto de práticas acadêmicas como “reconstrução, um *continuum* alimentado pelos afetos” que contribuem para a constituição sempre provisória de nossas identidades acadêmicas. Para a autora, os letramentos acadêmicos podem potencializar letramentos de resistência com projetos de vida.

Admitindo que os dicionários são obras nas quais estão definidas as experiências das sociedades, João Paulo Santos Andrade, Doris Cristina Vicente da Silva Matos e Roana Rodrigues, no artigo *Dicionários e colonialidades: racismo, linguagem e resistência a partir de marcas de uso em língua espanhola* discutem como a utilização adequada das marcas de uso (as quais servem para alertar o consulente a respeito dos contextos que determinada palavra pode carregar em seu uso) nessas obras lexicográficas pode ressignificar o caráter colonial e até mesmo apresentar características potencialmente decoloniais dos lexemas. Para isso as autoras e o autor analisam como essas marcas são empregadas em três palavras relacionadas à população negra (gato, negrear e negrero), em dicionários de espanhol utilizados no México. A conclusão a que as pesquisadoras e o pesquisador chegam é de que os dicionários podem ser mantenedores das colonialidades, uma vez que sempre que se omite ou se coloca alguma marca de uso que não mostra o cunho ofensivo de uma palavra, por exemplo, colabora-se com a perpetuação da colonialidade na língua.

Tomando a cultura popular e suas formas de vida como práticas de resistência ao capitalismo global homogeneizante, apresentamos o escrito de Ticiane Rodrigues Nunes, intitulado *Etnolinguística e cultura vaqueira: reflexões sobre o fazer indisciplinar em Linguística Aplicada*. No artigo, a autora discute a configuração sociodiscursiva que envolve a pesquisa etnográfica no contexto laboral e social dos vaqueiros do Ceará, observando os aspectos etnolinguísticos

que pautam a dinâmica de investigação em campo para o fazer etnográfico e a composição do campo e do vocabulário da cultura vaqueira do Ceará. A partir do olhar da filologia, Ticiane por intermédio da metodologia de pesquisa etnográfica, concebe a linguagem do vaqueiro como um lugar de interação e de agências sócio-discursivas e compreende os conflitos sócio-históricos que se revelam por meio da linguagem praticada nessa cultura. A pesquisadora conclui sua análise apresentando o léxico da cultura vaqueira como um construto linguístico e cultural que revela os modos de vida, nomeia seus viventes, suas práticas laborais e de lazer, seus espaços, suas vestimentas, sua alimentação, seus animais, suas crenças e suas ideologias.

Nukácia Meyre Silva Araújo e José Leonardo Tonus nos apresentam com o ensaio intitulado *Linguagem e práticas sociais: compreensões-chave sobre a noção de português como língua de acolhimento (PLAc)*, o qual nos permite perceber a complexidade do fenômeno migratório, que exige uma perspectiva interdisciplinar para o entendimento dessa questão social na conjuntura atual de fluxos e descolamentos globais intensos. Nesse sentido, a noção de Língua de Acolhimento para imigrantes e refugiados suscita diversos aportes teóricos, sob a perspectiva de uma Linguística Aplicada crítica e indisciplinar. O ensaio apresenta então um horizonte das noções, conceitos e ideias importantes para o ensino de língua portuguesa em contexto de migração forçada no Brasil, em especial o ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc). A partir de uma visão enunciativa e dialógica da linguagem, a autora e o autor trazem à luz reflexões necessárias sobre dados, conceitos e categorias basilares para a compreensão da temática. O ensaio ainda apresenta a importância de se considerarem as questões éticas nos estudos sobre Língua de Acolhimento para imigrantes e refugiados, uma vez que esse tema coloca em relevo o papel dos estudos da linguagem na construção de práticas sociais mais solidárias e acolhedoras do humano.

Na entrevista concedida por *Maria Nazaré Mota de Lima* a Ana Lúcia Silva Souza e Kassandra da Silva Muniz, a entrevistada, como iminente pesquisadora, educadora e ativista na área de linguagens, relações raciais e educação, diz de sua trajetória realizada em diferentes contextos de políticas públicas, com ênfase nas ações afirmativas no Brasil. A entrevista traz à discussão temas como educação em contexto formal e em contexto familiar, o compromisso de igualdade racial e de gênero em sua trajetória e a formação de jovens negros/as para o mundo do trabalho e para o enfrentamento do racismo e do sexismo. Comen-

tando sua trajetória de pesquisa, profa. Nazaré ainda ressalta suas experiências numa perspectiva que associa linguagem, educação e transformação social.

Na seção de tradução, temos o artigo *Quando o coletivo produz recursos: mobilizações de grupos de mulheres, moradoras de bairros populares, e sua relação com as instituições*, de autoria do sociólogo francês Daniel Thin, traduzido por Cláudia Régia Damasceno Chaves e Sandra Maria Gadelha de Carvalho. O texto foi originalmente publicado, em 2019, no livro *S'en sortir malgré tout. Parcours en classes populaires*, organizado por Sylvia Faure e Daniel Thin, com o título original *Quand le « collectif » fait « ressources ». Mobilisations de groupes d'habitantes de quartiers populaires et rapport aux institutions*.

O artigo propõe uma mudança do foco da análise das famílias de classes populares, que nos estudos sociológicos eram vistas isoladamente, para uma análise de grupos de moradoras “mobilizadas”. O sociólogo reflete sobre o trabalho de “construção de saberes próprios” das moradoras sobre o “abandono escolar” de inúmeras crianças dos bairros onde elas vivem. O artigo também mostra efeitos de socialização e o desenvolvimento de um conjunto de recursos mobilizáveis pelo coletivo e por cada uma das participantes, sobretudo nas relações com as instituições.

Finalizando, os artigos desse dossiê mostram que é possível construir “inéditos viáveis” (Freire, 1968) em práticas contra-hegemônicas, que mesmo assim são atravessadas pelas contradições sociais. Tais práticas anunciam um caminho em que políticas de dignidade podem ser gestadas para todas as pessoas por meio de processos educativos e linguísticos constitutivos do esperar.

Referências

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. A Multimodal Grammar of Artificial Intelligence: Measuring the Gains and Losses in Generative AI. **Multimodality & Society**, 4(2), 123-152, 2024.

(PDF) A multimodal grammar of artificial intelligence: Measuring the gains and losses in generative AI. Available from: https://www.researchgate.net/publication/377112237_A_multimodal_grammar_of_artificial_intelligence_Measuring_the_gains_and_losses_in_generative_AI [accessed Sep 18 2024].

KAUFMAN, Dora. **A inteligência artificial irá suplantar a inteligência humana?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.

KRESS, Gunther. **Literacy in the new media age**. London: Routledge. 2003.

KRESS, Gunther. **Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication**. London: Routledge. 2010

SULEYMAN, Mustafa. BHASKAR, Michael. **Inteligência artificial, poder**: a próxima onda e o maior dilema do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2023.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing Social Semiotics**. London: Routledge, 2005.